

Ainda sobre os funcionários públicos

Por Vítor Wilher

Recebi muitos e-mails com referência ao meu último texto ("A classe média funcionária pública e os idiotas que pagam a conta", disponível em <http://www.vitorwilher.com/wp-content/uploads/2007/10/classe-media.pdf>). Mais reclamações do que elogios. Teve de tudo. Dos mais exaltados, que me acusaram de reacionário e fascista, até os mais racionais, que fizeram críticas construtivas. Os elogios foram de pessoas que embarcaram no meu *devaneio crítico*, e concordando com a tese, também demonstraram seus demônios com a CMFP.

O fato é que pus o dedo na ferida. Mesmo cometendo um amontoado de equívocos, que seriam prontamente desfeitos caso meu interesse fosse publicar tal artigo em um veículo de comunicação de prestígio. Como não é esse o objetivo, sinto-me no direito de escrever alguns equívocos, vez ou outra. De todos, o mais grave foi a generalização – ao menos, foi o mais observado pelos meus atentos críticos.

Não nego o crime. No texto junto todos os funcionários públicos no mesmo saco de maldades, qual seja a *mentalidade parasitária*. Não faço a tal separação entre o joio e o trigo, entre o gato e a lebre. Não diferencio os funcionários públicos honestos, que trabalham, dos aproveitadores, que nada fazem pelo seu país. Destarte, em meu *devaneio crítico*, estava muito mais preocupado com a "mentalidade funcionária pública" do que com a avaliação de desempenho dos funcionários públicos. Ora, aos que convivem comigo e lêem minhas torpes palavras, sabem que sempre defendi a aplicação de uma lei básica da economia, qual seja salário é igual à produtividade do trabalho para avaliação de qualquer trabalhador – seja ele público ou privado.

Quando construo a CMFP ("classe média funcionária pública"), estou muito mais preocupado em descrever todos os indivíduos que vêm na posição de estabilidade seu objetivo cego de vida, do que no desempenho profissional propriamente dito. Ser um parasita oficial ou "aspira" ao mesmo é ser um indivíduo cujo único objetivo em vida é ser aprovado em algum concurso público e desfrutar de férias para o resto de sua vida. Pôr umas *havaianas* e curtir uma rede, ao som do barulho do mar.

É justamente essa postura pró-parasitismo que condeno sistematicamente – e não o exercício profissional em si. Como escreveu Locke – e mesmo que os marginalistas tenham mudado esse conceito – o valor está no trabalho. Até Marx concordou com isso! O trabalho é o único capaz de gerar progresso e desenvolvimento. Assim, ao passo que há um clamor na sociedade por não-trabalho, estabilidade e demais penduricalhos, fica difícil construir um país de alto crescimento econômico – e aqui peço perdão aos marxistas que me criticaram, mas não, eu não vou discutir com vocês!

Na outra ponta chamo de IPC ("idiotas que pagam a conta") todos os brasileiros que trabalham quatro meses por ano tão somente para sustentar o erário, mantendo assim a vida mansa da CMFP. Estão nessa classe econômica desde pequenos comerciantes até grandes usineiros. Vendedores de uma papelaria ou altos executivos. São todos idiotas por permitirem que essa situação se mantenha – eu, incluso, antes que alguém venha me insultar.

Também chamei a CMFP de hipócrita e corporativista. Muitos críticos citaram essas duas conjugações e alguns até se defenderam. Novamente, cometi o tal erro de generalizar, não especificando o ângulo que estava tratando. Entretanto, é a mais pura verdade, quando tratamos de pessoas cujo único objetivo em vida é ter estabilidade e penduricalhos. Dão as costas para as necessidades do país todos os dias do calendário e defendem, com unhas e dentes, seus interesses imediatos. O que eu mais gosto nesse pessoal é que, para eles, qualquer proposta de mudança é logo taxada de "privatização", "neoliberalismo", "americanização". Um caso grave de doença profissional coletiva? Antes fosse, o problema é que eles falam bem, usam discurso pronto e acabam convencendo uma grande parcela dos IPC. Haja trabalho para reverter a macumba!

Tratei como CMFP todos os espíritos que querem se aproveitar de nossa estrutura social para favorecimento pessoal, em contraste com os interesses do país. Nesse processo, cometi o *erro proposital* de chamar todos de funcionários públicos. Poderia ter chamado de "maus funcionários públicos" ou até mesmo de "espíritos parasitas", que ocupam o funcionalismo. Mas não o fiz porque o termo amplo **funcionário público** convém mais. Tem mais haver com a mentalidade caricata do paletó na cadeira, da máquina de escrever e de um ventilador de teto sujo. A caricatura "funcionário público" funcionou melhor para meus propósitos.

Por que? Pelo simples fato de que algo deve estar muito errado em um país onde ser funcionário público é motivo de grande status social. E aí – para não cometer o mesmo equívoco – não nego a importância do funcionário público na sociedade, mas discuto se em uma economia de mercado, capitalista por definição, ser funcionário público deve ser encarado como o grande objetivo da vida.

Não o é. Em uma economia de mercado as pessoas deveriam optar por serem grandes jornalistas, bem sucedidos empresários, advogados de prestígio, engenheiros de renome etc. Deveriam querer construir carreiras, viajar pelo mundo, gerar riqueza e contribuir com o progresso social do país. Não é certo, portanto, que o sonho de grande parte da classe média seja ser funcionário público. E nesse ponto não discuto a opção individual de cada um e sim a estrutura econômica que constrói essa mentalidade.

A estrutura econômica, ao não gerar oportunidades no mercado de trabalho privado, constrói essa mentalidade. As pessoas buscam no emprego público segurança. Mas isso não deve ser encarado com normalidade. Deve ser encarado como algo contrário a essência do modo de produção em que vivemos. Compreendido essa contradição, devemos buscar entender o que está

por trás desse problema. Há algo muito errado em um país onde mais e mais pessoas terminam a faculdade e se trancam em casa seis ou sete horas por dia para passarem em um concurso público. E acham isso normal.

Pois digo que esse comportamento não é normal. O espírito do capitalismo não é assim. Uma economia de mercado remunera o risco, a inovação, o saber se antecipar às tendências. Ele cospe no comodismo, na preguiça e na falta de criatividade. O Brasil precisa mudar a sua *mentalidade funcionária pública* se quiser ser de fato um país capitalista, de alto crescimento econômico.